

A ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL ENTRE OS INDÍGENAS TABAJARA/PB: O CASO DA ALDEIA VITÓRIA

THE PENTECOSTAL SPIRITUALITY AMONG THE INDIGENOUS TABAJARA/PB: THE CASE OF THE VITÓRIA VILLAGE

Elenilson Delmiro dos Santos¹

Resumo: O presente ensaio tem por objetivo apresentar algumas considerações a respeito dos avanços da espiritualidade pentecostal sobre os indígenas Tabajara na Paraíba. Colocamos na centralidade desse texto a aldeia Vitória, situada no município do Conde, Zona Sul da Paraíba. Justifica nossa análise um relato proferido pelo cacique dessa aldeia, Ednaldo dos Santos Silva. Fundamentado em uma observação de campo e na perspectiva teórica sobre a espiritualidade de Leonardo Boff, consideramos que os avanços dos grupos religiosos pentecostais sobre as sociedades indígenas, que se encontram em curso, merecem ser vistos não de forma geral, mas de acordo com o caso particular de cada aldeia.

Palavras-chave: Ciências das Religiões; Pentecostalismo; Tabajara; Espiritualidade.

Abstract: The present essay aims to present some considerations regarding the advances of Pentecostal spirituality on the Tabajara Indians in Paraíba. We place in the centrality of this text the village Vitória, located in the municipality of Conde, Southe Zone of Paraíba. Justifies our analysis an account given by the cacique of this village, Ednaldo dos Santos Silva. Based on a field observation and theoretical perspective on the spirituality of Leonardo Boff, we consider that the advances of Pentecostal religious groups on indigenous societies, which are underway, deserve to be seen not in general, but according to the particular case of each village.

Keywords: Sciences of Religions; Pentecostalism; Tabajara; Spirituality.

Artigo submetido em 31/03/2019. Aprovado em 13/04/2019.

¹ Doutorando e mestre em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.



Introdução

Os povos indígenas brasileiros sempre se fizeram, e ainda se fazem, nos dias atuais, um campo fértil e de múltiplas possibilidades de pesquisa para os mais variados campos do conhecimento. Desde os contatos ocorridos a partir dos contextos coloniais, os indígenas, como grupo social, se tornaram, sob determinadas perspectivas, uma categoria para se estabelecer a distinção entre o “eu” e o “outro”, entre o “civilizado” e o “não civilizado”. Fruto dessa construção social, essa categoria ainda nos permitiu a compreensão de outra questão de grande importância no campo científico: a afirmação da identidade étnica.

Sem dúvidas, o modo como tem se configurado os povos indígenas no Brasil envolve mecanismos complexos. Além de se tratar de um campo de grande diversidade, é também envolvido por mecanismos bem peculiares, haja vista que as interações que se deram no decorrer dos tempos entre os povos indígenas e os outros povos que se estabeleceram na formação do Brasil dispõem de processos socioculturais que ainda merecem ser analisados a fundo. Nessa interação, chama atenção a proximidade que se deu no campo da cultura, principalmente da cultura religiosa. No substrato da religião, interações entre sujeitos sociais resultaram em um campo religioso compartilhado. Vale ressaltar, no entanto, que esse compartilhamento, em grande medida, só existiu por um lado, ao passo que, do outro, seu *status* e concepção permaneceu sem qualquer situação relacional ou dialética. Ao contrário, os povos que foram cristianizados foram postos na condição de convertidos à cultura dominante eurocêntrica.

Compreende-se, portanto, que todo processo de colonização sofrido pelos povos indígenas ocasionou, em certo sentido, um verdadeiro impacto em sua cultura e, conseqüentemente, em sua própria religião. Na Paraíba não foi diferente. Além dos povos indígenas Tabajara, aldeia Vitória, outras nações, como é o caso dos Potiguara, aldeia Baía da Traição, também enfrentaram situações que se configuram em um verdadeiro desmonte no que diz respeito à posse de suas terras, sua cultura, suas identidades étnicas e sua cosmologia. Seus sistemas de crenças, por estarem também ameaçados, deram origem a um verdadeiro campo de disputas entre os mais diferentes seguimentos religiosos. A respeito disso, nota-se uma atuação muito forte das Igrejas cristãs, principalmente pentecostais, nem sempre existindo espaço para negociações que, de alguma forma, favoreçam a abertura de espaços para a permanência da simbologia nativa.



Nesse sentido, tal situação se coloca, para as Ciências das Religiões, em diálogo com a antropologia, como uma realidade para se compreender a religião e suas variadas formas de manifestações. Entre os povos indígenas brasileiros, há os que ainda resistem e sobrevivem após séculos de colonização e diferentes maneiras de expropriação, sentidas em todas as suas esferas, principalmente naquelas que dizem respeito as suas identidades culturais. Incluem-se, aí, elementos de grande pertinência para as Ciências das Religiões. Sem dúvidas, um campo fértil. Referimo-nos ao mito, ao rito e ao sagrado, mesmo que comece a se perceber nestes a atribuição de novos sentidos. Porém, o fenômeno que em particular tem chamado uma maior atenção em algumas pesquisas é, notadamente, sua “conversão” a uma nova espiritualidade. Em especial, a espiritualidade pentecostal.

Segundo Eliane Farias e Lusival Barcellos (2015), existe, atualmente, entre os Tabajara, na Paraíba, uma religiosidade diversificada. Denominações religiosas, tais como Batista, Católica e Pentecostal, fazem-se como as principais representações de suas manifestações de fé: “no entanto, os dados colhidos demonstram que a maioria do povo Tabajara aderiu às denominações protestantes ou, como popularmente são denominados, crentes.” (FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 178). Tal situação, em que se percebe em uma civilização específica, primeiro, a decaída de um antigo sistema de crença e, logo em seguida, a ascensão de um novo sistema nesse mesmo grupo social, põe em evidência os movimentos em que se encontram, atualmente, e de forma geral, os sistemas religiosos.

Em nosso entender, tal situação é o reflexo do momento de novas descobertas pela qual passa, em todas as suas esferas, o ser humano, isso na busca da sua própria compreensão existencial. É nesse contexto que devemos colocar, com relevância, a questão da espiritualidade. Pensando nisso, é que no presente ensaio temos por premissa tecer algumas considerações a respeito da nova espiritualidade que se encontra em curso em uma determinada aldeia indígena na Paraíba. Como pressuposto de análise, estamos considerando a abordagem teórica proposta por Leonardo Boff (2001), para quem a espiritualidade é uma das fontes primordiais, embora não seja a única, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno para a vida e de capacidade de autotranscendência do ser humano, o que permite a possibilidade de se vivenciar uma nova experiência.

Tomando por fundamento teórico esta linha de pensamento, é que concentramos, então, essa comunicação a partir da escuta da fala de um cacique indígena Tabajara. No



caso, referimo-nos ao cacique Ednaldo dos Santos Silva, da aldeia Vitória, situada na cidade do Conde, região Sul da Paraíba. A oportunidade de ouvir a sua fala ocorreu durante a realização de uma aula de campo em sua referida aldeia. Como parte do conteúdo programático da disciplina “Mito, rito e espiritualidade indígena”, ministrada pelo professor Lusival Barcellos, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, esta aula ocorreu no dia 28 de agosto de 2017. Portanto, a partir dessa experiência, mesmo que esta tenha nos colocado apenas diante de alguns dados preliminares, o que não implica dizer falta de elementos substanciais para se iniciar uma análise da forma como pretendemos realizar, é que buscamos, justamente, apresentar algumas primeiras impressões a respeito.

Diante do exposto, procuramos dividir este ensaio em dois momentos; ambos, como já mencionamos, fundamentados, principalmente, por essa experiência etnográfica. No primeiro, pretendemos explorar a natureza e as palavras ditas pelo cacique Ednaldo dos Santos e como essas se colocam como parte de eventos maiores. Consideramos, ainda, que existe, em suas palavras, a expressão coletiva de todos os demais membros dessa aldeia. Todavia, limitar-nos-emos a registrar apenas algumas impressões e aspectos percebidos a partir de sua fala. Assim, não apresentaremos trechos transcritos direto de seus relatos, o que exigiria para isso um processo mais burocrático frente a um comitê de ética, por exemplo. Por isso, ficaremos apenas na análise de sua fala, quando este destacou as novas roupagens religiosas que passaram a revestir suas práticas. Em um segundo momento, a espiritualidade pentecostal vivenciada a partir da realidade indígena é algo que merece atenção. As palavras ditas pelo cacique, o modo como narrou suas práticas de vida, é o que impulsionou o interesse pela busca de sua nova história, sua cultura e sua religiosidade.

1. O problema da aproximação pentecostal entre os Tabajara

No campo da Antropologia, ciência que presta grande contribuição às Ciências das Religiões, o saber olhar, ouvir e escrever é, de acordo com Oliveira (2006), uma das três etapas fundamentais que marcam a experiência do pesquisador no campo, pois “ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas – que não nos percamos com essa metáfora tão negativa – que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento.” (OLIVEIRA, 2006, p. 21). Sem dúvidas, estas



representam um verdadeiro exercício de investigação e, principalmente, de interação entre as partes (o que fala e o que escuta), em nosso entender, atos cognitivos preliminares para o trabalho de campo. Todavia, o olhar e o ouvir se fizeram, no momento, para os fins metodológicos dessa comunicação, as faculdades de maior interesse.

Assim, desse ponto de vista, compreendemos que os estudos antropológicos colaboram, em grande medida, a avaliarmos com mais rigor a perspectiva que sugere que, em se tratando de atividades religiosas distintas, nem sempre é correto a linha de pensamento que sugere que o encontro entre tradições religiosas distintas pode ocasionar um impacto degradante em ambos os lados. Na contramão desse pensamento, Valéria Barros (2004) afirma que a religião cristã, muitas vezes, foi vista como um instrumento de dominação social usado pela sociedade nacional e que, por meio desse instrumento, abria-se um campo em que espaço para negociações e reorganizações simbólicas nativas não existia. Todavia, ainda em seu texto, acaba admitindo que o encontro de diferentes cosmologias, comumente, traz consequências para ambos os lados. Como sugere a citação a seguir:

[...] o encontro de diferentes sistemas cosmológicos e formas de se viver a realidade social inegavelmente implica o reordenamento de algumas estruturas das culturas envolvidas, mas há que se ter claro que as consequências desse encontro repercutem em ambos os lados e das mais variadas formas. Partindo desse ponto de vista, a adesão de um grupo indígena a determinada religião cristã, por mais que resulte na criação de novos “espaços” dentro da vida social e da própria cosmologia do grupo, não implica necessariamente a destruição de categorias indígenas “tradicionais”

(BARROS, 2004, p. 138)

Sem dúvidas, este é um argumento importante, mas consideramos não ser correto assegurar que ele se aplique a todos os povos indígenas conhecidos. Até mesmo porque, em meio à tão ampla diversidade de sociedades indígenas que encontramos em nosso território, é grande a possibilidade de existir aldeias cujos relatos etnográficos ainda não tenham sido levados a um público mais amplo, que possam ter perdido quase que de forma definitiva sua raiz religiosa originária por conta dos avanços das missões empreendidas por muitas Igrejas cristãs em meio às suas sociedades. De todo modo, a convergência entre pentecostalismo e



culturas locais é fato incontestável.² Por conta disso, constantemente, somos postos diante de fatos que corroboram a ideia de que muitos povos indígenas, por questão de manutenção de seus espaços, são postos na condição de ter que assimilarem outras culturas e religiosidades, verdade esta que os colocam na condição de povos submissos a outros grupos.

Pensando nisso, diante da possibilidade de tais circunstâncias se encontrarem em curso na vida desses povos, pareceu-nos oportuno visitar um tema que já foi e ainda se faz revisitado por outros pesquisadores da nossa comunidade acadêmica. Afinal, a atual realidade indígena sempre é capaz de gerar novas analogias. Por isso, novos olhares e novas pausas de escuta continuam sendo necessárias. Até mesmo porque são povos que sempre geram novas situações de pesquisas e novos objetos de investigação. De modo particular, o caso da aldeia Vitória nos chama a atenção, pois, embora não seja necessariamente o surgimento de um novo objeto, ainda assim, é a persistência de um fenômeno cultural e religioso que merece continuidades em sua investigação.

Nesse sentido, buscamos utilizar as palavras do cacique Tabajara Ednaldo dos Santos, direcionando-as para um campo de significados que ajude a tornar possível a compreensão do início do processo que passou a configurar o novo mosaico cultural religioso da sua aldeia. Assim, na ocasião da nossa visita, o referido chefe indígena fez um longo discurso de apresentação.³ Em sua fala, não foram poucos os aspectos de interesse a serem destacados. Porém, entre tantos, não é sem razão que optamos pelos aspectos religiosos presente em tal discurso. Afinal, a natureza profissional de um cientista das religiões é movida por seu interesse na configuração e reconfiguração da religião dentro da dinâmica da sociedade. Assim, buscando concentrar nossa atenção na presença da religião em sua fala, não demorou a vir na memória a recomendação de Radcliffe-Brown, citada por Oliveira (2006), que sugere ficarmos atentos aos ritos para, enfim, compreendermos os sistemas religiosos. Mais adiante, darei a devida atenção ao rito.

² Quando falamos em convergência entre religião cristã, em sua vertente pentecostal, e povos originários latino-americanos, estamos nos referindo aos dias atuais, pois em séculos passados, XIX e XX, por exemplo, teríamos que nos remeter ao protestantismo de matriz luterana e calvinista.

³ Para o conhecimento da trajetória de vida do cacique Ednaldo dos Santos, seu passado e o seu trabalho frente à articulação e reorganização dos Tabajara, aldeia Vitória, na cidade do Conde/PB sugerimos a leitura do trabalho realizado por Eliane Farias e Lusival Barcellos. *Memória Tabajara: Manifestação de fé e identidade étnica*, publicada em 2015 pela Editora da UFPB, João Pessoa/PB.



De fato, quando perguntado sobre o seu sistema de crenças, como resposta, ele discorreu sobre suas práticas religiosas recentes que, por sua vez, em nosso entendimento, revelaram-se, em certa medida, distantes de suas tradições ritualísticas de origem. Na verdade, não fez questão de esconder que, atualmente, a maioria do seu povo era de vertente evangélica. Disse, ainda, que o persistente trabalho de evangelização por parte dos grupos religiosos que, em muitos casos, rompem os limites da aceitação aos valores étnicos culturais dos indígenas, tem obtido sucesso, assim como tiveram os missionários católicos durante o período da colonização. Existe, também, outra justificativa para o êxito dessa cruzada evangélica. Conforme atestam Farias e Barcellos (2015), os indígenas Tabajara passaram por um processo gradativo de extinção e dispersão, com tal população, a partir de 2006, entrando em um processo de (re)organização de sua identidade étnica, bem como de sua própria indianidade. Isso implica dizer que, nesse período de dispersão, foi inevitável a proximidade com outras tradições religiosas.

Sem dúvidas, essa lacuna deixada na história dos Tabajara abriu brechas para que esse povo perdesse sua ancestralidade e, conseqüentemente, seus mitos de origem. O contato com a cultura e com a religião dos assim chamados “povos brancos” foi, então, inevitável. Um povo desamparado de sua própria religiosidade nativa se torna, de certa forma, um povo fácil para o “arrebanhamento” de diferentes seguimentos religiosos, haja vista que a disputa por fiéis tem sido uma das motivações de acirramentos entre muitos seguimentos religiosos cristãos. Ou seja, “o que lhes importa acima de tudo é converter – ‘ou converter ou converter!’ -, cientes que estão de que para angariar fiéis uma religião precisa subtrair fiéis” (PIERUCCI, 2013, p. 49).

É importante observar que, no processo de conversão dos povos indígenas, alguns dos seus ritos foram conservados, porém, readaptados e permitidos de modo que não fossem contraditórios, ou mesmo ferissem os princípios dos cristãos evangélicos: “Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados, ou *re-criados* ou *re-significados*, e outros ainda podem desaparecer quando não tiverem mais sentido para uma comunidade ou para a sociedade em geral.” (VILHENA, 2005, p. 22-23). Nesse ponto, podemos entender que se trata de uma estratégia eficaz, mas ao mesmo tempo perigosa. Há de se considerar que o rito pode provocar um momento de reflexão subjetiva, momento este que pode incidir no risco de uma volta ao passado mítico, o que pode resultar em um inconformismo com o que se presta no tempo presente.



Temos também ritos religiosos voltados para a superação de um presente insatisfatório e a construção de um futuro de bem estar para o grupo e para a humanidade. Nesses rituais, a crítica aos desmandos e injustiças do presente fundam-se em paradigmas de caráter profético e escatológico, sem, contudo, deixarem para o além, quando, em um céu anistórico, será possível a experiência coletiva da vida boa. Aí, o rito religioso é expressão e suporte para engajamentos histórico-sociais contestadores e transformadores

(VILHENA, 2005, p. 51)

Sendo, portanto, a religião uma construção social, como sugere algumas concepções, os ritos que antecedem a sua compreensão não podem, assim, ficar isentos da realidade do seu adepto. Considerando que um dos preceitos do rito é manter o mito sempre vivo e atualizado, no caso dos Tabajara, tão logo comecem a reconstruir o seu passado, o mito de sua ancestralidade, talvez, pode voltar a ser visto como objeto de interesse. Desse modo, caso chegue ao ponto de fazerem uma analogia entre as chamadas histórias “verdadeiras” e as histórias “falsas”, como sugere Eliade (1972), tal situação pode, sem dúvidas, representar um problema para a missão pentecostal nessa aldeia. Afinal, conhecer o mito de origem significa ter acesso a “um ‘conhecimento’ de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse ‘conhecimento’ é acompanhado de um poder mágico-religioso” (ELIADE, 1972, p. 18).

Essas questões, que procuramos, nesse momento, por em pauta de análise, são apenas de cunho provocativo frente a uma eventual situação de libertação religiosa do povo Tabajara. Contudo, a realidade é que, no momento, eles são uma aldeia indígena de prática religiosa pentecostal. Em relação a isso, vale uma observação: “as igrejas evangélicas não têm uma proposta pastoral para a questão indígena. Muito pelo contrário, os índios é que têm que se adequar às normas hierárquicas e doutrinárias de cada uma das Igrejas” (BARCELLOS, 2012. p. 168). Tal passagem implica dizer que não restam dúvidas de que existe um sério risco do desaparecimento de algumas de suas principais tradições.

2. A espiritualidade pentecostal entre os Tabajara

Definir espiritualidade não é uma tarefa simples. Problematizar sua amplitude conceitual e linhas investigativas, conforme propõe os mais distintos autores, torna-se,



então, uma tarefa ainda maior. Por isso, não temos aqui a pretensão de realizar essa tarefa. Ainda assim, precisamos ter alguns pressupostos mínimos necessários para chegar à espiritualidade. Por isso, procuramos levar em conta alguns aspectos da natureza humana que a ela se associa. No caso, qualidades relacionadas às práticas e ao comportamento humano tais como o amor, o perdão, a compaixão, a ação, a interpretação da vida, o engajamento social e religioso, entre outras, que entendemos serem qualidades humanas que enfatizam a espiritualidade.

Por esse caminho, Leonardo Boff (2001) ajuda-nos a compreender que todas as religiões são um espaço comum de espiritualidades, mas não só elas. Outras representações da sociedade também podem se constituir como espaços de manifestação da espiritualidade. Voltando às religiões, ao pentecostalismo, a espiritualidade é, para essa vertente cristã, uma experiência que se relaciona com o poder do Espírito Santo. Pensando nisso, ao buscarmos uma definição mais elaborada para a espiritualidade na perspectiva do pentecostalismo, antes de chegarmos a essa resposta, outra questão, porém, se fez necessária: como podemos definir o pentecostalismo? Como resposta, optamos pela que foi sugerida por Décio Passos (2005).

Para esse autor, “são um seguimento do cristianismo que adota uma interpretação e uma prática marcadas pelo que consideram ser experiência do Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito e confirmada pelos dons das línguas.” (PASSOS, 2005, p. 14). Vale reiterar que essa é apenas uma definição para o pentecostalismo, existindo outras que ajudam a por em evidência amplitude compreensiva que se tem em torno dessa religião. Afinal, trata-se de um movimento religioso marcado por fases, linhagens e comportamentos distintos, o que deve conferir ao pesquisador certo cuidado ao buscar classificar seu corpo de Igrejas nos dias atuais.⁴ Não por acaso, torna-se mais correto falar em pentecostalismos, no plural.

Essa questão plural é sugestiva, pois certamente pode revelar, igualmente, uma pluralidade de práticas. Todavia, neste ensaio, interessa apenas seus avanços sobre os povos indígenas, uma prática presente em todas as suas ramificações. Entre os Tabajara, na Paraíba, como pudemos perceber, a proposta pentecostal, em seu plano salvífico, mostra-se estabelecido quando o cacique Ednaldo dos Santos, ao falar sobre o seu momento de

⁴ Sobre as fases e distinções do pentecostalismo, ver João Décio Passos, *Pentecostais: origens e começo*, São Paulo: Paulinas, 2005.



oração, discorre de maneira sucinta sobre sua relação íntima com Deus (Javé) e de sua proximidade com Jesus (o crucificado). Trata-se, então, de uma nova realidade que, muitas vezes, coloca em perigo alguns aspectos culturais e religiosos que são próprios dos povos indígenas. Em função disso, Farias e Barcellos (2015) levantam alguns questionamentos a respeito: será que essa situação vai provocar um choque religioso-social? Será que vai gerar um conflito no confronto com a tradição da toré? E também entendem que:

[...] a prática da reelaboração do ritual do toré tem causado constrangimento para os Tabajara de seguimento pentecostal histórico ou tradicional, pois não comungam com o ato de fumar o cachimbo e entrar em sintonia (invocar) com os espíritos dos ancestrais; eles acreditam haver manifestações de seres malignos

(FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 181)

Embora seja comum em outras aldeias, como é o caso dos Potiguara da cidade de Rio Tinto, na Paraíba, conciliar o rito do Toré com outras religiosidades, o Deus cristão e a espiritualidade pentecostal entre os indígenas ainda podem causar problemas de natureza religiosa e cultural. Ou seja, se por um lado a espiritualidade pode ser vista como uma potencialidade para a efervescência do carisma religioso, por outro, ela pode ser vista como um problema para a manutenção do controle religioso. Nesse sentido, já que o Espírito é livre e sopra onde quer, nota-se um dilema em relação a isso quando existe, por parte de certos grupos pentecostais, a pretensão de querer limitar o sopro do espírito nos limites de seu próprio círculo religioso. Um verdadeiro engessamento ou aprisionamento da espiritualidade. Assim, uma interface com rituais religiosos indígenas e a busca do Deus cristão se torna, quase, uma espécie de anarquia hermenêutica.

Segundo Leonardo Boff (2001), a espiritualidade é o que mantém a religião mais humana, menos poder e menos institucional. Entre os povos indígenas, fica latente este aspecto, esta proposição. Como afirma Almir Silva (2012), o aspecto religioso do indígena se manifesta na dimensão da vida na aldeia e em vários ritos, como o de ir ao rio, tomar banho, pescar, cortar lenha etc. Enfim, nota-se que qualquer controle institucional ou poder passa longe dessa dinâmica de vida, pois “a espiritualidade indígena está no ar, na chuva, no vento na cachoeira, nas furnas e em tudo o que se vê, sente, ouve, concebidos pela natureza ou criado pelo homem.” (SILVA, 2012, p. 25). Trata-se de uma religiosidade singular que pode,



sem dúvidas, estar em diálogo com outros seguimentos religiosos, mas que também pode, igualmente, colocar-lhe em vulnerabilidade.

É possível, ainda, considerar que, por trás de alguns aspectos práticos, de certas ações missionárias, pode existir uma mentalidade violenta por trás dos seus métodos. Não se trata de fazer uma acusação, mas apenas uma observação do que já foi constado pela própria história. Uma dessas violências tem a ver com ações que se referem ao uso de elementos simbólicos, como construção de templos nos lugares sagrados para os indígenas, o que confere uma forte expressão daquilo que diz respeito principalmente à condição de subalternidade e exclusão, em que são colocados não apenas os rituais indígenas, mas todos os seus sistemas religiosos.

Considerações finais

Como buscamos deixar claro, logo no início, os apontamentos que procuramos fazer devem ser vistos apenas como um ensaio provocado a partir da escuta de um cacique Tabajara, durante uma visita de campo. Assim, nossa maior pretensão não é outra senão continuar levando adiante novos questionamentos no tocante a uma temática que já foi demasiadamente trabalhada por outras pesquisas, e que continua sendo. De qualquer modo, somos favoráveis ao entendimento de que um mesmo objeto, diante de novos discursos, mesmo que venha a ser proferido pelos mesmos sujeitos de antes, sempre está apto a provocar novas situações de análises.

Reforça esse pensamento o simples fato de que muitas das pesquisas que se encontram em curso, ou mesmo aquelas que já foram concluídas, em termos gerais, sempre colocam os povos indígenas em situação de enfrentamento diante dos sistemas simbólicos e religiosos dos outros grupos sociais, mas que, ainda assim, muitas aldeias conseguem, mesmo com dificuldades, preservar alguns elementos de sua identidade étnica.⁵

Portanto, ao buscar fazer uma leitura dos povos indígenas em proximidade com o campo pentecostal brasileiro, com enfoque na espiritualidade, mais do que contribuir para o campo das Ciências das Religiões, com uma temática que foi durante muito tempo quase

⁵ De acordo com Valéria Esteves N. Barros (2004), os trabalhos contemporâneos que se debruçam sob as reações e interações que os grupos indígenas estabeleceram, e ainda estabelecem, com os demais grupos, que fazem parte da sociedade nacional, não resultou, porém, em uma perda de sentido de si mesmos, tampouco dos seus sistemas simbólicos.



que restrito ao campo antropológico, estamos chamando a atenção para a afirmação do indígena como protagonista da sua própria história. Outra questão é que o caso da conversão do cacique Tabajara Ednaldo dos Santos ao pentecostalismo, por exemplo, deve ser visto com muito cuidado. São muitas as tensões religiosas, culturais e sociais que, certamente, se encontram envolvidas nesse processo. Os limites do texto, que ora apresentamos, sequer daria para esboçarmos uma introdução sobre isso.

Por último, independente do contexto, gostaríamos de mencionar que, ao propor uma discussão a partir da dita “conversão” de determinados povos indígenas para um grupo religioso pentecostal, estamos chamando a atenção, também, para o conflito de diferentes cosmologias religiosas e modos distintos de leitura da realidade. Com isso, entendemos que as consequências podem repercutir em ambos os lados e de formas diferentes. Portanto, consideramos não apenas a possibilidade de submissão de um sistema de crença em detrimento ao outro, mas que o próprio desaparecimento de um desses sistemas pode ser uma consequência a ser considerada.

Referências

BARCELLOS, Lusival. *Práticas educativa-religiosas dos Potiguaras da Paraíba*. João Pessoa: EdUEPB, 2012.

BARROS, Valéria Esteves N. *O pentecostalismo entre os Guarani de Laranjinha: uma aproximação aos aspectos sociais e cosmológicos da religião tradicional*. Disponível em: <<http://tellus.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/91>>. Acesso em: abril de 2019.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FARIAS, Eliane. BARCELLOS, Lusival. *Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica*. João Pessoa: EdUEPB, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: EdUnesp, 2006.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.



PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito de Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 49-61.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

